

ÍNDICE

EDITORIAL	5
ATÉ SEMPRE, MANUEL FERREIRA PATRÍCIO	6

VI CONGRESSO DA CIDADANIA LUSÓFONA

A ETNIA E A CULTURA Adriano Moreira	8
REFLEXÕES DE UM JOVEM GUINEENSE Braima Cassamá	11
O PAPEL DA LUSOFONIA NOS PRÓXIMOS DEZ ANOS Carlos Lisboa	12
LITERATURA, CIDADANIA: OS DESAFIOS DO ENSINO DE LITERATURAS EM LÍNGUA PORTUGUESA NO BRASIL Danglei de Castro Pereira	15
POR UMA DISCUSSÃO FRANCA E ABERTA NO SEIO DA CPLP Delmar Maia Gonçalves	20
DESAFIOS PARA A LUSOFONIA NA PRÓXIMA DÉCADA Elter Carlos	21
OS VALORES LUSÓFONOS Luisa Timóteo	23
PRIORIDADES GALEGAS PARA A LUSOFONIA Maria Dovigo	24
O TESTEMUNHO DE UM TIMORENSE Ximenes Belo	26

EÇA DE QUEIROZ, NOS 150 ANOS DA ABERTURA DO CANAL DO SUEZ

EÇA DE QUEIROZ, AS BAILARINAS DO SUEZ, FATMÉ E A ALMEIA DE FLAUBERT Ana Margarida Chora	30
EÇA DE QUEIRÓS, ENTRE A IMPRENSA E A LITERATURA: A PROPÓSITO “DE PORT SAID A SUEZ” Annabela Rita	39
VESTÍGIOS DE KANT NA ANTROPOLOGIA ECIANA (A PROPÓSITO DA VIAGEM DE EÇA DE QUEIROZ À INAUGURAÇÃO DO CANAL DO SUEZ) César Tomé	45
EÇA DE QUEIROZ, O «IRÓNICO PEREGRINO» DO ROMANCE «A RELÍQUIA» Jorge Chichorro Rodrigues	55
TRAVESSIAS DE EÇA DE QUEIROZ ENTRE A INAUGURAÇÃO DO CANAL DE SUEZ E O COMEÇO LITERÁRIO Maged Talaat Mohamed Ahmed Elgebaly	58
<i>O EGYPTO: NOTAS DE VIAGEM OU VISÕES DO ORIENTE</i> DE EÇA DE QUEIROZ Maria Cristina Pais Simon	69
RASCUNHO PARA UM ATLAS DO ROMANCE QUEIROSIANO Mónica Figueiredo	78
A INFLUÊNCIA DO ORIENTE NA FICÇÃO QUEIROSIANA Paula Oleiro	84
PAISAGEM SOCIAL E ESTEREÓTIPO, ESTESIA E ESPALHAFATO: O EGÍPTO VISITADO POR EÇA DE QUEIRÓS (1869) E FERREIRA DE CASTRO (1935) Ricardo António Alves	91
“CÂNTICO DA CARNE EXALTADA” OU “EXIBIÇÃO IMORAL”? A ORIGINALIDADE E VANGUARDISMO DE EÇA DE QUEIROZ NA SUA INTERPRETAÇÃO DAS DANÇAS DO MÉDIO-ORIENTE NO <i>FIN DE SIÈCLE</i> Vera Mahsati	99

OUTROS VULTOS

ANTERO DE QUENTAL e GUERRA JUNQUEIRO António Braz Teixeira	112
ANTÓNIO FEIJÓ Maria do Carmo Mendes	116
ARNALDO PINHO José Acácio Castro	118
CHARLES BAUDELAIRE Rodrigo Sobral Cunha	123
JOSÉ RIBEIRO DIAS Emanuel Oliveira Medeiros	126
MANUEL ANTUNES e MIGUEL TORGA José Lança-Coelho	132
MIRCEA ELIADE José Almeida	133
RAUL BRANDÃO Joaquim Domingues	135
RAUL PROENÇA Nuno Sotto Mayor Ferrão	143
REALE José Maurício de Carvalho	147
PAIM Humberto Schubert Coelho	156

OUTROS VOOS

O QUE É SER PORTUGUÊS? (OU O QUE HÁ-DE SER O PORTUGUÊS) António José Borges	158
REFORMA, CONTRARREFORMA E UNIVERSALIZAÇÃO DO ENSINO E EDUCAÇÃO Artur Manso	162
IMPERATIVO MORAL E CRISTIANISMO POPULAR NA PARÁBOLA EXISTENCIAL E LITERÁRIA DE IGNAZIO SILONE Brunello Natale De Cusatis	171

UMA REPÚBLICA COM UM REI: A EVOLUÇÃO POLÍTICA DO CONSTITUCIONALISMO LIBERAL PORTUGUÊS (1834-1910) Daniel Sousa.....	174
PARA UMA ETICIDADE POLÍTICA – COMUNIDADE, IDENTIDADE E CONFLITO SOCIAL: CONVULSÕES, FRICÇÕES E SOLUÇÕES Joaquim Pinto	186
O MAR E A UNIVERSALIDADE DA LÍNGUA PORTUGUESA José Manuel Malhão Pereira	195
O IMPACTO DA HERMENÊUTICA FENOMENOLÓGICA DE MARTIN BUBER NA PSICOLOGIA EXISTENCIAL DE VIKTOR FRANK: EDUCAÇÃO E SAÚDE José Maurício de Carvalho, Stela Kasia Guimarães e Wallace Félix Cabral Silva	204
DO INVISÍVEL PANDÉMICO AO <i>ENSAIO SOBRE A CEGUEIRA</i> DE JOSÉ SARAMAGO Luís de Barreiros Tavares	214
DIÁLOGO ENTRE UMA PEÇA DE BERNARDO SANTARENO E UM ROMANCE DE RUBEN A. Paula Oleiro.....	219
DEAMBULAÇÕES PRÓ-LUSÓFONAS Renato Epifânio	224
AUTOBIOGRAFIA 9 Samuel Dimas	229

EXTRAVOO

JOÃO DE MELO: A ESCRITA E A PANDEMIA Ivonia Nahak Borges.....	242
---	-----

OBRAS ESCOLHIDAS DE MANUEL FERREIRA PATRÍCIO (1938-2021)

PREFÁCIOS ÀS <i>OBRAS ESCOLHIDAS</i> DE MANUEL FERREIRA PATRÍCIO Renato Epifânio	246
EM HOMENAGEM A MANUEL FERREIRA PATRÍCIO, NA EDIÇÃO DAS <i>OBRAS ESCOLHIDAS</i> Samuel Dimas.....	251
EDUCAÇÃO, CULTURA E ESCOLA: NA SENDA DE MANUEL FERREIRA PATRÍCIO Emanuel Oliveira Medeiros	254

BIBLIÁGUIO

<i>MESTRES DA LÍNGUA PORTUGUESA (II)</i> Jorge Chichorro Rodrigues	258
<i>PERCURSOS COM SENTIDO</i> Renato Epifânio.....	261
<i>O TRIÂNGULO DA DEMOCRACIA</i> Renato Epifânio	261
<i>LUSITANIA – ROMA NELLA LETTERATURA PORTOGHESE E BRASILLANA DEL NOVECENTO</i> José Almeida	262
<i>ANTOLOGIA: GOULART NOGUEIRA</i> José Almeida	264
<i>A SEGUNDA VIDA DE FERNANDO PESSOA</i> José Almeida	265

POEMÁGUIO

REQUIEM Samuel Dimas	6
A PALAVRA ÚNICA Pedro Vistas	27
A VIDA QUE HÁ EM TI; SUBIDA À MONTANHA António José Borges.....	28
POETA Delmar Maia Gonçalves.....	29
VECCHIO ALENTEJANO Fabrizio Boscaglia	29
PERRA PALAVRA; CONVERSAS AO CARGO Luísa Costa Macedo.....	90
ATÉ À MORTE DOS RIOS J. Castro Araújo	111
MÁSCARAS Maria José Leal	111
LUZ Luísa Borges	157
DESTROÇO Maria Leonor Xavier.....	157
A MORTE DA MUSA; NOTURNO AO GÉNIO VORAZ Jaime Otelo.....	244
FANTASIA Joel Henriques.....	245
SAN MINIATO AL MONTE José Rui Teixeira	266
ANTÓNIO QUADROS Jesus Carlos	267
SOPHIA Renato Epifânio	267

MORADAS: CADERNO POÉTICO E VISUAL

<i>O ESCURO ANTERIOR</i> Luís Carlos Patraquim (fotos: Salomé Duarte, design: Fernando Estevens).....	268
---	-----

MEMORIÁGUIO (p. 280), MAPIÁGUIO (p. 281), ASSINATURAS (p. 281), COLEÇÃO NOVA ÁGUIA (p. 284)

EDITORIAL

Antes da Pandemia, em Novembro de 2019, a *Nova Águia* e o MIL (Movimento Internacional Lusófono), em parceria, como é nosso hábito, com outras entidades (académicas, culturais e cívicas), promoveram dois relevantes eventos: o *VI Congresso da Cidadania Lusófona* e o *Congresso Eça de Queiroz, nos 150 anos da abertura do Canal do Suez*. No vigésimo oitavo número da nossa Revista, começamos por publicar os melhores textos apresentados, em primeira mão, nesses dois Congressos, que iremos retomar neste ano de 2021: com o *VII Congresso da Cidadania Lusófona* e o *II Congresso Eça de Queiroz – 150 anos*, agora a propósito da publicação d’*O Mistério da Estrada de Sintra*, das Conferências Democráticas do Casino Lisbonense e do início da publicação d’*As Farpas*.

Em “Outros Vultos”, começamos por publicar mais um marcante ensaio – sobre Antero de Quental e Guerra Junqueiro – de António Braz Teixeira, decerto o maior hermeneuta vivo do nosso universo filosófico e cultural, não só português mas, mais amplamente, lusófono, como mais recentemente se comprova pelos três livros editados, neste último ano, com a chancela do MIL: *A Vida Imaginada: Textos sobre Teatro e Literatura* (2020); *Interrogação e Discurso: estudos sobre filosofia luso-brasileira e ibérica* (2021); *A*

saudade na poesia lusófona africana e outros estudos sobre a saudade (2021). Nesta secção, evocamos ainda dois dos nomes maiores da Filosofia Brasileira no último meio século – Miguel Reale e António Paim –, este falecido no derradeiro dia de Abril do ano em curso.

Em “Outros Voos”, publicamos mais de uma dezena de textos, de temática diversa, começando com um excelso ensaio de António José Borges sobre “O que é ser português?”, e, em “Extra-voos”, uma entrevista a João de Melo, sobre a forma como tem atravessado, enquanto escritor, o período pandémico. Depois, damos o devido destaque à publicação das “Obras Escolhidas” de Manuel Ferreira Patrício (entretanto falecido em Setembro), provavelmente o acontecimento editorial do ano, e, no “Bibliáguio”, a par de outras publicações recentes, destacamos igualmente a Coleção “Mestres da Língua Portuguesa”, de Jorge Chichorro Rodrigues. Por fim, temos uma nova secção, que se manterá nos próximos números, “Moradas: Caderno poético e visual”, coordenada por Samuel Dimas, Vice-Director da Revista, com a qual iremos reforçar a asa poética da *Nova Águia*, a par da asa ensaística que, já perto das três dezenas de números, mais tem marcado, e notabilizado, este nosso Voo.

A Direcção da *Nova Águia*

A ETNIA E A CULTURA¹

Adriano Moreira

As gerações de ocidentais que viveram as duas guerras mundiais participavam de modelos nacionais que no combate aprenderam a necessidade de inventar uma solidariedade que impedisse o regresso ao conflito militar, mas foi na perturbada época de “guerra fria” seguinte que a compreensão apontou para os valores do “mundo único” e da “terra casa comum dos homens”, dos quais a ONU deduziu o seu projeto de futuro.

O famoso Yuval Noah Harari, dominado pela conclusão de que “só existe uma civilização no mundo”, usou como argumento mobilizador das diferenças que a Torre de Babel anunciou, o famoso “anúncio do malmequer” que Lyndon B. Johnson usou na sua campanha de 1964, e que a história da televisão perpetuou. Como descreve, “o anúncio começa com uma menina a arrancar e a contar as pétalas de um malmequer, mas, quando chega ao dez, uma voz metálica masculina interrompe e começa uma contagem decrescente do dez ao zero, aludindo ao lançamento de um míssil quando chega ao zero, o clarão de uma explosão nuclear enche o ecrã e o candidato Lyndon Johnson dirige-se ao público americano e diz: “é isto que está em jogo. Criar um mundo em que os Deuses podem viver, ou enfrentar a escuridão. Temos de nos amar uns aos outros; caso contrário morremos”².

Não obstante a leitura da circunstância em que vivemos, continua o aviso e a evidência do risco da “cascata atómica”, o facto é que continuamos a enfrentar os obstáculos dos mitos étnicos, dos

nacionalismos, das hierarquias aristocratizantes das capacidades soberanas em disputa.

Proclamámos a Declaração de Direitos Humanos iguais para todos, mas as discriminações e os mitos raciais retomam vigor; declaramos a igual dignidade dos Estados, e o imperativo de se encaminharem para um “mundo único” em paz, mas o catálogo de formas de combater alonga-se, e a disputa pela hierarquia coloca de lado o texto da ONU e vai-se redefinindo, no topo, pela concorrência entre os EUA, a Rússia, a China, enquanto cresce a cauda de inúmeros emergentes; a competição económica procura disciplinar-se pela cooperação normativamente assumida, como se passa com as negociações entre a Europa e a China, sobretudo a Nova Rota da Seda (BRI), ao lado de contextos mais agrestes entre os EUA e o resto do mundo, mas evitando todos por em relevo o dossier norte-coreano, e a ambição chinesa de recuperar o oceano que há séculos deixou de navegar, estando em causa a zona económica exclusiva francesa na zona Indo pacífica, as áreas de ação contra os tráficos ilícitos, as parcerias de defesa, e, para simplificar, a necessidade de ter presente a declaração, feita na última reunião do chamado Shangri Le Dialogue, de uma “strategie indopacifique”, lembrando a França que tem a responsabilidade de “1,6 milhões de habitantes, numerosas ilhas de diferentes estatutos, várias zonas económicas exclusivas, e a responsabilidade que exigem”. Isto quando o indecifrável Presidente dos EUA se lembra da NATO, para ali valorizar o “conjunto das ameaças chinesas”.

O que significa que, se a questão económica e financeira fosse definitivamente assumida como o “desafio de conjuntura”, a paz estará porém sempre ameaçada pelo que Bismark chamou

¹ Conferência de Abertura do VI Congresso da Cidadania Lusófona (Novembro de 2019), promovido pelo MIL: Movimento Internacional Lusófono, em parceria com dezenas de entidades de todo o espaço de língua portuguesa.

² Yuval Noah Harari, *21 Lições para o século XXI*, Elsinore, Amadora, 2018, pág. 140.

“uma simples leviandade”; e se o “estatuto das Nações”, e suas relações pacíficas, exige redefinição, elas ainda são o mais perfeito modelo de vida atingido pelos ocidentais: a relação Nação-Território-Soberania e solidariedades, a mais valiosa criação a favor da paz, agora a exigir o reconhecimento da necessidade de encontrar uma forma segura de garantir a “Terra casa comum dos homens”. Exige reformulação da estrutura desses elementos como resposta à “nova circunstância”, mas não a sua impossível dispensa.

É justamente o perigo de a governança de agora admitir negar ou repudiar o passado, com os seus erros e méritos, que ameaça não conseguir evitar que lhe aconteça, em vez de construir o futuro, a surpresa de um ponto final do Planeta pelo descontrolo e leviandade dos responsáveis do confronto, que o aviso de Lincoln Johnson inscreveu na responsabilidade futura dos governantes.

A circunstância mundial mudou, mas a Carta da ONU inclui a capacidade e dever de organizar as respostas à mudança. Basta ler o artigo 59, que dispõe o seguinte: “O Conselho de Segurança determinará a existência de toda a ameaça à paz, quebra da paz ou até de agressão e fará recomendações ou decidirá que medidas serão tomadas de conformidade com o artigo 41 e 42 para manter a paz e a segurança internacionais”. Isto foi acordado numa época em que se previa que a Europa, a caminho de pretender consolidar o método da cooperação pela União e da Segurança Coletiva pela NATO, sem imaginar que poderia ser enfraquecida pelo Brexit sem exemplo na história do Reino Unido, ou agredida pelos ataques terroristas que se multiplicam, ou pelo reforço dos poderes eucráticos sobretudo na América Latina, nem pelas opiniões e decisões de membros que, como os EUA, enfraquecem a liderança respeitada da segurança atlântica.

A responsabilidade social em relação aos desamparados, que de regra não são poucos, e não apenas indivíduos desprotegidos, está a exigir que a Declaração Universal dos Direitos seja fortalecida por uma nova Declaração de Deveres, que sancione as leviandades dos Estados, as intervenções de qualquer força que infrinja o direito internacional, agindo com violação do dever de salvaguardar a paz.

É nesta época, que, para o globo, o ilustre Jacques Barzun chamou “Época das Expectativas Absurdas”, que para o Ocidente não há previsão de travar o “Outono sem Bussola”.

É nesta data que historiadores estrangeiros procuram investigar o “milagre” de tão pequeno Reino, Portugal, frequentemente desconsiderado pela própria Europa, ter sido o piloto da ocidentalização do globo.

É o caso de Malyn Newit, do King’s College de Londres, com o seu Portugal in *European and World History* (2009) que o descreve “considerado, no resto da Europa, um país atrasado e incompetente”, mas que não impede que Henry Moore Stephens, entre outros, descreva “como se ergueu, criou, o primeiro império global, e, depois, entrou em delírio”, na época que, no início do século XX, ainda era chamada da “Europa Dominadora”³.

Desse início da ocidentalização do mundo, escreveu Camões a glorificação com o seu *Os Lusíadas*, identificando a Europa pela cultura comum do pluralismo político, e visionando, nessa perspetiva, “Portugal, cabeça da Europa toda”, de tal modo que Darcy Ribeiro, o Magnífico Reitor de Brasília, marxista crítico e por isso sacrificado, deixou escrito que, assim como a Itália seria outra sem Dante, e Espanha sem Cervantes, Portugal sem Camões, o Brasil seria outro sem Gilberto Freyre.

E foi este que, depois de os cronistas descreverem o início da ocidentalização do mundo pelas “Descobertas e Conquistas”, que viria, no século passado, a dar nome específico à identificação cultural de Camões para a Europa, autonomizando o que foi chamado o lusotropicalismo.

Quando definia esta perspetiva já era célebre pelo seu *Casa Grande e Sanzala*, e mais trabalhos que fortaleceram a sua perspetiva: tinha visitado Goa, e não previa que chegaria a ter de manifestar, em *Aventura e Rotina*, a sua profunda reprovação de práticas que verificou em Angola. A ocidentalização do mundo, a que a Carta da ONU colocou um ponto final no capítulo das várias formas de colonização sob o exercício do “poder político”, teve um passivo que os cronis-

³ Henry Moore Stephens, *Portugal, a História de uma Nação*, Alma dos Livros, Lisboa, 2017.

NOS 80 ANOS DA MORTE DE RAUL PROENÇA (1941-2021) — A SUA INTERVENÇÃO NA REVISTA *A ÁGUIA*

Nuno Sotto Mayor Ferrão

Nunca também nenhum governo, desde a implantação do regime liberal, mostrou menos respeito pela lei e mais alto pôs a sua vontade soberana. (...) Fechou violentamente as câmaras legislativas, assassinando a Constituição; atentou contra o self-government municipal, começando assim o maior crime que numa democracia se pode praticar; substituiu-se ao poder judicial; demitiu funcionários públicos sem culpa formada; substituiu-se ao poder legislativo (...). Permitiu o governo ditatorial a expressão do pensamento individual com toda a amplitude legítima?

RAUL PROENÇA,

“Da ditadura à suspensão dos direitos políticos”, nº 43, 2ª série, *A Águia*, julho de 1915, in *A Águia*, Lisboa, Publicações Alfa, 1989, pp. 222-223.

1. BREVE BIOGRAFIA DE RAUL PROENÇA (1884-1941)

Raul Sangreman Proença nasceu nas Caldas da Rainha, a 10 de maio de 1884, tendo sido um escritor, um jornalista, um bibliotecário e um filósofo português, que faleceu no Porto, a 20 de maio de 1941, perfazendo-se, portanto, em 2021, oitenta anos sobre o seu desaparecimento. Pela sua grande relevância intelectual, cívica e intensa colaboração na revista *A Águia* e na *Renascença Portuguesa*, não quisemos deixar de evocá-lo, na *Nova Águia*, no seu perfil de democrata incondicional, que se soube opor a diversos movimentos autoritários, que se manifestaram em Portugal, na segunda e na terceira décadas do século XX.

Formou-se em Ciências Económicas e Financeiras, pelo Instituto Industrial e Comercial de

Lisboa, mas cedo mostrou, pela sua idiossincrasia introvertida, uma vocação para a escrita e a reflexão. Manifestou-se como um indefectível defensor do socialismo democrático, no quadro institucional de um regime parlamentar. Veio a marcar, pela sua intervenção cívica, a 1ª República Portuguesa, ao denunciar, sem peias, os vícios e as atitudes corruptas da classe dirigente. Como membro do grupo da *Renascença Portuguesa*, foi partidário da intervenção de Portugal na 1ª guerra mundial, pelo que escreveu um artigo na revista “*A Águia*”¹ a sustentar esta posição e alistou-se no exército, em 1917, como alferes miliciano. Na realidade, a *Renascença Portuguesa* e os seus dirigentes confiaram, entusiasticamente, no projeto e no ideário republicano, mobilizando jovens escritores e jornalistas, como foi o caso de Raul Proença, a influenciar, por meios literários ou culturais, a mentalidade coletiva da população portuguesa². António José de Almeida convidou-o a participar na revista *Alma Nacional*, a partir de 1910 e, pouco depois, foi como jornalista um colaborador da revista *A Águia*. Dado o acréscimo das suas despesas pessoais, não obstante inicialmente se tenha dedicado ao jornalismo, em 1911, foi nomeado conservador da Biblioteca Nacional de Lisboa. Pela sua envergadura intelectual, integrou, sucessivamente, nas primeiras décadas do século XX, os grupos da *Renascença Portuguesa*, da *Sea*

¹ Raul Proença, “Unidos pela pátria”, in *A Águia*, 2ª série, vol. IX, nºs 52,53, 54, abril, maio e junho de 1916, pp.119-126. Neste artigo, Proença considera que a participação portuguesa na 1ª guerra mundial seria benéfica, porque permitiria elevar o sentimento patriótico dos portugueses e que da vitória aliada dependeria a independência do país e a manutenção das colónias.

² Rui Ramos, “A República antes da Guerra (1910-1916)”, *História de Portugal*, Coord. Rui Ramos, 5ª edição, Lisboa, Edição A Esfera dos Livros, 2009, p. 601.

ra Nova e o Grupo da Biblioteca, tendo convivido com muitos escritores e artistas deste período, como Leonardo Coimbra, Jaime Cortesão, Câmara Reis, Ezequiel de Campos, Raul Brandão, Aquilino Ribeiro, Afonso Lopes Vieira, entre outros. Destacou-se, em particular, a sua amizade com António Sérgio, que sempre o apoiou, em especial nos momentos mais angustiantes da vida. Foi um dos fundadores da revista *Seara Nova*, em 1921, com o intuito de incentivar a reflexão sobre a crise político-institucional que o país vivia, afirmando-se como um intelectual inconformista e de forte intervenção cívica. No seu combate sem tréguas contra os regimes autoritários, ofereceu resistência à instauração do Sidonismo, em 1918, e à Ditadura Militar, em 1927, pelo que, neste ano, foi instigado a exilar-se em Paris, após integrar o grupo dos revirahlistas que despolutaram a revolta militar contra a Ditadura Militar, a 3 de fevereiro.

Em 1932, regressou a Portugal, padecendo de uma doença mental grave, que o conduziria a um internamento no Hospital Conde Ferreira, no Porto. A sua idiosincrasia introvertida e a propensão cultural levaram-no a elaborar um aprofundado estudo filosófico sobre a teoria do “eterno retorno” de F. Nietzsche e a dinamizar um roteiro cultural intitulado *Guia de Portugal*, nos dois primeiros volumes, de 1924 e de 1927, a partir das suas viagens pela pátria e dos apontamentos que foi coligindo. Faleceu no Porto devido a uma febre tifoide.

2. A SUA INTERVENÇÃO CÍVICO-POLÍTICA NA REVISTA A ÁGUIA (1910-1917)

Começou a colaborar, desde logo, no primeiro número d' *A Águia*, em 1 de dezembro de 1910, manifestando uma influência do espiritualismo vitalista e afastando-se do materialismo positivista e do naturalismo estético, que havia perfilhado e imperavam na mente de uma plêiade de intelectuais, em Portugal e na Europa. Deste modo, Proença posiciona-se como um espiritualista vitalista com um fundo religioso, que se distancia, quer do conservadorismo católico, quer do ateísmo de livre pensamento, que tanto se infiltrou nos partidários do republicanismo

radical. A proximidade de convívio e de mentalidade com Jaime Cortesão e Leonardo Coimbra está bem patente nos principais artigos, que escreveu para a revista³. A crise institucional da 1ª República, com as suas constantes instabilidades políticas e sociais, favoreceram a sua crescente adesão ao espiritualismo vitalista e a enorme desconfiança em relação aos pressupostos filosóficos do positivismo e do materialismo. Inicialmente, na revista, Raul Proença e António Sérgio divergiram no plano doutrinário de Teixeira de Pascoas, uma vez que este enfileirou num ideal de nacionalismo romântico, ao contrário daqueles colaboradores que perfilharam um ideário europeísta modernizante. Proença aderiu ao ideal da *Renascença Portuguesa*, porque concordou com o diagnóstico da tendência decadente da sociedade portuguesa, que tinha por raiz o definhamento espiritual e cultural dos portugueses, daí que reconhecesse a necessidade de renovar a mentalidade portuguesa⁴, pelo que assentiu em colaborar na revista com este intuito. Identificará, como causa geral da decadência cultural portuguesa, a influência dos jesuítas na educação que, do seu ponto de vista, levou os compatriotas dos séculos XVII a XIX a afastarem-se do mundo moderno. Concebia que, para superar este estrangulamento do desenvolvimento da sociedade portuguesa, urgia criar uma elite consciente e uma opinião pública esclarecida (*ibidem*, pp. 165-181).

Em fevereiro de 1912, Proença medita sobre a instabilidade política e social dos primeiros tempos do regime republicano, que se repercutia na permanente agitação que grassava na sociedade portuguesa⁵. Na sua perspetiva, vários fatores contribuíam para este ambiente de caos político-social. Um dos erros cometidos pelos políticos republicanos foi o excessivo idealismo que os

³ António Reis, *Raúl Proença – Biografia de um intelectual político republicano*, Lisboa, Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 2003, vol. 1, p. 164.

⁴ “[Raul Proença e António Sérgio] postulam um comum diagnóstico decadentista da sociedade portuguesa, de que a causa principal é ainda para ambos de natureza espiritual e cultural – tal como o fora, aliás, para Antero –, e com a consequente necessidade de uma terapêutica regeneradora igualmente de natureza espiritual e cultural (...)”, *ibidem*, p. 171.

⁵ Raul Proença, “A situação política”, in *A Águia*, nº 2, 2ª série, 5 de fevereiro de 1912, pp. 58-62.